

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

PROJETO DE PESQUISA

**Significado e contribuições da afetividade no contexto da Metodologia
de Projetos na Educação Básica**

(Dissertação defendida em julho de 2006)

PROPONENTE: Cacilda Lages Oliveira

PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. Dácio G. Moura

BELO HORIZONTE, OUTUBRO DE 2004

PROJETO DE PESQUISA:

Significado e contribuições da afetividade no contexto da Metodologia de Projetos na Educação Básica

PROPONENTE: Cacilda Lages Oliveira

PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. Dácio Guimarães de Moura

SUMÁRIO:

Tema Geral.....	3
Problema	3
Título da Pesquisa	4
Objetivo Geral	4
Objetivo Específico	4
Hipótese	4
Levantamento das questões básicas de pesquisa	5
Desenvolvimento	5
Justificativa	6
Procedimentos Metodológicos	12
Cronograma	13
Bibliografia	13

ABREVIATURAS UTILIZADAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

UNESCO – Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas

PROJETO DE PESQUISA

TEMA GERAL: A metodologia de projetos e as relações afetivas na educação básica.

PROBLEMA: O ensino no século XXI ainda segue o enfoque de uma pedagogia tradicional, centrada na figura do professor que domina o conhecimento e o repassa a seus alunos de forma expositiva. Esta pedagogia que forma sujeitos passivos e não críticos, sustenta uma metodologia expositiva e legitimada pelos conceitos disciplinares adotados nas escolas, pelos processos avaliativos que repetem as exposições de sala de aula, pelo cumprimento dos inflexíveis programas pelo professor. Este modelo tradicional de ensino tem sido pouco eficiente para ajudar o aluno a desenvolver as competências de aprender a conhecer, a fazer, a ser e a compreender. Uma educação orientada por essas competências pretende que a aprendizagem não se torne passiva, verbal e teórica; mas que tenha a participação ativa dos alunos e que o conhecimento adquirido por eles se dê pela relação sujeito-objeto-realidade com a mediação do professor.

Já que aponta o enobrecimento dos sentimentos como uma necessidade para a formação dos jovens no século XXI, a educação precisa reconhecer que o nosso viver e conviver deve conter além de racionalidade, afetividade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, sugerem que a estética da sensibilidade, *“estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível, o diferente”* (PCN, p.75). Diante dessa visão é compreensível que o trabalho na sala de aula deva ter uma dimensão coletiva sustentada por relações mais afetivas. A metodologia de projetos emerge como proposta educativa que promove de modo especial a formação da identidade dos alunos, favorecendo a construção da subjetividade; o desenvolvimento da capacidade de iniciativa, criatividade, habilidade de trabalho em equipe, planejamento, identificação e resolução de problema.

Esses pressupostos sugerem investigar o papel e o significado da afetividade promovida pela aplicação da metodologia de projetos, como fator que potencializa processos educacionais e de ensino e aprendizagem no âmbito da educação básica.

TÍTULO PROPOSTO PARA A PESQUISA: Significado e contribuições da afetividade no contexto da metodologia de projetos na Educação Básica

OBJETIVO GERAL: Contribuir para análise do fator afetividade no processo de ensino e aprendizagem, através da aplicação da Metodologia de Projetos.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Analisar e avaliar o significado e as contribuições do fator afetividade nos processos educativos e de ensino e aprendizagem de estudantes do ensino médio, propiciado pela aplicação da metodologia de projetos.

HIPÓTESE:

A metodologia apresenta-se como uma proposta educacional com grande potencial de promover a afetividade nos processos educativos e de ensino e aprendizagem, já que ela apresenta atividades do tipo pesquisa, projetos, aprendizagem contextualizada em ambientes não formais, contato com objetos e situações reais relacionadas com os conteúdos de estudo. Nessas atividades o aluno aprende de forma ativa promovendo-se a sensação de prazer, do estético, incluindo-se aspectos das relações interpessoais nos trabalhos em equipe.

LEVANTAMENTO DAS QUESTÕES BÁSICAS DE PESQUISA:

1. Quais são os fundamentos teóricos que sustentam a importante relação entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo?
2. Qual é a concepção sobre os referenciais teóricos da Metodologia de Projetos, como recurso de ensino e aprendizagem na educação?
3. Quais são os fatores positivos da aplicação da metodologia de projetos, como recurso de ensino e aprendizagem na educação básica?
4. Quais são os indícios que levam a pensar que a metodologia de projetos possa ser um recurso usado para desenvolver a afetividade na sala de aula?
5. Como a metodologia de projetos pode favorecer a construção da afetividade e quais as reais contribuições disso para os processos educativos e de ensino e aprendizagem?

DESENVOLVIMENTO (SEÇÕES DA DISSERTAÇÃO):

1. Introdução.
2. A afetividade e sua relação com a cognição e as teorias que a sustenta.
3. A Metodologia de Projetos como recurso de ensino e aprendizagem na educação básica.
4. Metodologia de Projetos e afetividade: a relação entre esses dois fatores e sua contribuição nos processos educacionais e de ensino e aprendizagem.
5. Conclusões.
6. Considerações finais.

JUSTIFICATIVA:

As propostas pedagógicas contemporâneas indicam que educar significa preparar o indivíduo para responder às necessidades pessoais e aos anseios de uma sociedade em constante transformação, aceitando desafios propostos pelo surgimento de novas tecnologias, dialogando com um mundo novo e dinâmico, numa sociedade mais instruída, melhor capacitada, criando espaços educacionais autônomos, criativos, solidários e participativos, condições fundamentais para se viver nesse novo milênio. Apesar disso em nossas escolas, ainda vigora a metodologia expositiva, tida como um obstáculo para a formação dos jovens estudantes para a vida. Seu grande problema é o risco da não aprendizagem, já que não há uma interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. O professor passa para os alunos através da exposição verbal da matéria, exercícios de memorização e fixação de conteúdos, leituras em livros didáticos, os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos pelas diferentes culturas. O aluno é um agente passivo no processo, recebe tudo pronto, não problematiza e nem é solicitado para fazer relação ou questionar o que aprende com o que já conhece. É um ensino sem sentido para o educando pois está desvinculado de sua realidade, descontextualizado.

A metodologia expositiva parece persistir ainda hoje devido a uma série de fatores como por exemplo: a família, que se sente segura pois a escola de seus filhos pratica uma educação tradicional; o professor que é qualificado na medida em que cumpre o que se espera dele, manter a disciplina e super valorizar o conteúdo. Os processos avaliativos

que reforçam essa metodologia quantificando o conhecimento transmitido e nem sempre aprendido pelo aluno. A falta de tempo para realizar trabalhos que envolvam efetivamente os alunos, é respaldada pelos extensos programas a cumprir. Economicamente também é mais viável pois as salas de aula podem comportar um número elevado de alunos, todos assentados em fileiras bem organizadas nesse espaço físico. *“A classe tradicional é um espaço orientado segundo um eixo de trás para diante. Na frente o mestre empoleirado em seu estrado, que lhe permite ver cada um, e dispondo do quadro negro sobre o qual se inscreve a verdade.”* (CHARLOT, 1976)

As conseqüências da aplicação dessa metodologia têm gerado sérios problemas para a educação e o que acaba acontecendo, em decorrência de toda essa situação, é que de fato, o aluno não aprende, pois não está envolvido na construção do seu conhecimento. O professor grande parte da aula fica envolvido em chamar a atenção e pedir silêncio, mas *“difícilmente consegue polarizar sobre si mesmo toda atenção de cada criança e impedir que se instaurem relações entre as crianças. Mas essas relações devem permanecer clandestinas e sua aparição é vivida pelo mestre como uma derrapagem pedagógica que tem o risco de levar à bagunça.”* (CHARLOT, 1976). Essa metodologia de trabalho, está sendo utilizada pelo professor por anos sucessivos e está deformando os educandos e os próprios educadores, levando-os à acomodação e à resistência a propostas inovadoras.

Ela não leva em consideração uma série de fatores que as ciências pedagógicas contemporâneas nos revelam, como por exemplo: o aluno precisa ser motivado para a aprendizagem; o conhecimento se dá na relação sujeito-objeto-realidade, com a mediação do professor e não pela simples transmissão; o conhecimento se dá pela ação do educando sobre o objeto de estudo e não pela ação do professor; o aluno traz uma bagagem cultural que precisa ser valorizada; o trabalho em sala de aula tem uma dimensão coletiva, as atividades de grupo devem ser tidas como atividades cooperativas e colaborativas e os educandos devem ser colocados em situações de pesquisa que pedagogicamente são mais enriquecedoras. A sala de aula deve adotar *“uma organização espacial e temporal que não é mais centrada no mestre e que combina trabalho individual, o trabalho em pequenos grupos e as trocas ao nível do grupo-classe. As carteiras são ora reunidas em círculo, ora espalhadas na classe em pequenos grupos e ora isoladas. O emprego do tempo apresenta flexibilidade e grande variedade de modos de atividade.”* (CHARLOT, 1976)

Há um senso pedagógico comum que tem sugerido uma nova perspectiva para a educação visando o trabalho em grupo, o interesse dos alunos a partir do concreto, criatividade, descoberta, pesquisa, afetividade desenvolvida através lúdico. Perspectiva que não pode ficar distorcida na prática, seja por falta de preparo ou de condições objetivas, seja ainda pelos próprios limites teóricos. As diferentes tendências que se apresentam atualmente, encaram o homem de forma contextual, holística e multidimensional, o que implica promover por meio da educação, novas metodologias de ensino que levem o aluno a interagir, de forma dinâmica e contextualizada com os conteúdos e as informações disponíveis. É preciso acima de tudo estimular no aluno o desejo de aprender, de ampliar as formas de perceber, de sentir, de compreender e de comunicar. O professor deve passar a ser um orientador na construção de novos conhecimentos, no processo de pesquisa, de reflexão, tornando ele próprio, um pesquisador ativo, crítico e reflexivo.

O que fazer então, para educar para uma sociedade em transformação? Para uma nova ordem econômica e social e para a “Era do Conhecimento”? Como preparar os indivíduos para responder aos desafios dos novos instrumentos tecnológicos, para dialogar com a vida, com o seu mundo, com sua realidade?

Segundo MOURA (1993), devemos desenvolver nas escolas a “educação estética”, que engloba a percepção de valores e a sensibilidade humana. Nessa proposta o aspecto lúdico existente “na interação do indivíduo com os objetos e fenômenos que compõem o mundo físico, natural e tecnológico, que o rodeia e do qual ele faz parte” pode ser o propulsor da afetividade nos processos de ensino aprendizagem.

Todos esses aspectos dependem de como os esforços serão despendidos para o desenvolvimento de uma sociedade mais instruída, melhor capacitada, em função da criação de novos espaços educacionais, da valorização do indivíduo, no incentivo à criatividade, liberdade, iniciativa, participação e cooperação, condições fundamentais para que os indivíduos possam sobreviver no século XXI. MORIN (2002) destaca que a educação do futuro deverá estar centrada na condição humana, considerando que o homem da racionalidade é também o da afetividade.

“A educação da afetividade precisa levar em consideração a vertente racional e emotiva dos conceitos e fatos que os alunos estão aprendendo. Para isso convém dispor de um

planejamento de atividades e técnicas didáticas que incluem e detalhem os conteúdos e objetos curriculares específicos a cada uma delas. Porém, tão importante quanto ter um planejamento é saber adaptá-lo sempre que as vicissitudes da vida diária da sala de aula assim recomendarem.” (MONTSERRAT, 1999)

A afetividade na sala de aula:

Na evolução biológica do homem, é comprovado que o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão. Desde muito cedo nos é ensinado que devemos nos comportar de maneira racional e controlar nossas emoções, mesmo sabendo que, ao negá-las, podemos gerar sofrimento. Vivemos em uma cultura que contrapõe emoção e razão como se se tratasse de dimensões antagônicas do espaço psíquico. *“Os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade não constituem universos opostos. Não há nada que justifique voltar-se a educação para somente um deles, excluindo o outro.”* (MONTSERRAT, 1999)

MATURANA (1998) defende que: *“todas as ações humanas, qualquer que seja o espaço operacional em que se dão, se fundamentam no emocional, porque ocorrem em um espaço de ações especificado a partir de uma emoção. O raciocínio também.”* Em nossa vida cotidiana há um entrelaçamento entre nosso emocionar e nosso viver e conviver, com o nosso racional, que deve conter parte de afetividade, de subjetividade e de amor. A educação precisa reconhecer isso, já que aponta o enobrecimento dos sentimentos como sua necessidade mais urgente para o século XXI. O filósofo SCHILLER (1989) indica que *“o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração”*. Acredito que o desenvolvimento da afetividade, na sala de aula, pode tornar o conhecimento mais eficaz para a vida e contribuir para a melhoria da aprendizagem.

“A afetividade seria a energia, que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Nesse caso não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a Razão contra a afetividade é problemático, porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia.” (LA TAILLE, 1992) Na sala de aula é preciso trabalhar com a afetividade, para formamos seres mais humanos, e isso só é possível pela vivência desses sentimentos. MORIN (2002) assinala que a afetividade pode asfixiar o

conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Para ele há um eixo intelecto/afeto, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais.

A escola, pode se tornar um espaço legítimo para a construção da afetividade, uma vez que está centrada na intervenção sobre a inteligência, de cuja evolução depende a evolução da afetividade. A vida principia com a afetividade e a cognição sincreticamente misturadas, e estas, no decorrer do desenvolvimento, vão se diferenciando, se integrando, prevalecendo ora uma, ora outra. *“A escola possibilita interações diversas entre parceiros, ao mesmo tempo em que proporciona situações e experiências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa. É através das experiências com o mundo social, especificamente eu-outro, que o organismo, em toda sua plasticidade, vai elaborando e reestruturando um dos aspectos que nos caracterizam como seres humanos: o aspecto afetivo. Não é apenas no nível interpessoal que isso se dá, mas também na relação indireta com o outro, que é a relação com a cultura.”* (ALMEIDA, 1999)

Podemos dizer, então, que à escola e mais especificamente ao professor é dado o importante papel social de entender o aluno na sua dimensão humana, na qual os aspectos intelectuais e afetivos estão presentes e se interpenetram em todas as manifestações do conhecimento. Geralmente as escolas elaboram uma programação que privilegia o aspecto cognitivo sobre o afetivo, ignorando que desenvolvimento afetivo e intelectual, são aspectos diversos de uma mesma e única realidade: o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Portanto, é necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis. Segundo SNYDERS (1989), nós temos necessidade de um desenvolvimento afetivo para atingirmos o conhecimento. A questão, então, é como o professor em sua prática pedagógica, pode desenvolver a afetividade em sala de aula para potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

A UNESCO indica como finalidades para a educação contemporânea: aprender a ser, aprender a fazer, a viver juntos e a conhecer. A educação para reconhecer estes pilares precisa tornar-se mais humana, mais afetiva, mais social. Hoje vivemos em uma sociedade democrática onde se defendem valores democráticos de liberdade, solidariedade, igualdade, fraternidade, verdade. No entanto, a capacidade de pensar, imaginar, inovar, expressar é constantemente inibida, agredida, recalcada. Nós,

professores, continuamos instaurando a autoridade e a agressividade que só geram medo, à medida que insistimos no estudo individual dos alunos, na avaliação mediante apenas provas, na disciplina rígida, no silêncio constante da sala de aula, no currículo centrado em matérias e disciplinas e não em uma permanente referência do percurso de aprendizagem e de desenvolvimento do aluno. É preciso que a aprendizagem se efetive e o conhecimento seja de fato para a vida, assim passamos a ser, segundo ALVES (2001), *“uma escola que vive o que se aprende e aprende o que se vive.”* A estética da sensibilidade, sugerida nos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) poderá facilitar o reconhecimento e a valorização de cada aluno como um ser individual, respeitando sua cultura, seus conhecimentos, suas diversidades e oportunizando trocas. MOURA (1993) destaca a importância de valorizar a dimensão lúdica, estética, na educação escolar, *“no sentido de superar o impasse principal da escola em nossos dias: atenuar a presença do fator necessidade, ampliando a atuação do fator estímulo”*. À afetividade cabe a função desencadeadora do agir e do pensar humanos, que efetiva o desenvolvimento sócio-cognitivo.

A metodologia de projetos:

“Necessitamos construir um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção – por nós tão conhecida – , que atribui ao desenvolvimento do intelecto, dos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, relegando aos aspectos emocionais e afetivos de nossa vida a um segundo plano. Assim é que a educação tradicional e os currículos escolares, ao trabalharem de maneira puramente cognitiva a matemática, a língua, as ciências, a história, etc, acabam por priorizar apenas um desses aspectos constituintes do psiquismo humano, em detrimento do outro, ou dos outros.” (ARANTES, 2002)

Uma das possibilidades de desenvolver a afetividade que potencializa o ensino e aprendizagem, é resgatando o componente lúdico que há no trabalho com projetos e que propicia um ensino voltado para a ação, a pesquisa, a vivência de experiências reais. Promovendo a interação entre o aluno e os fenômenos do mundo físico, através da experimentação, da manipulação e construção do objeto de conhecimento.

A Metodologia de Projetos, torna-se então um apoio para uma proposta educacional correlacionada com a afetividade e o ensino/aprendizagem, já que permite o trabalho com grupos cooperativos, cria condições para que os alunos experimentem suas descobertas, desenvolvam a confiança na própria capacidade de aprender e tomar decisões, fazer escolhas apropriadas na vida. Possibilita também praticar o ouvir e refletir sobre fatos; defender a si mesmo e suas idéias de forma apropriada; tomar providências para concretizar objetivos; dizer a verdade, honrar compromissos e servir de exemplo. Promove na escola a autocrítica de suas práticas baseadas no ensino e não na aprendizagem, além de possibilitar a organização do currículo escolar por temas e situações problemas, envolvendo os estudantes na pesquisa, tornando o ensino mais ativo e significativo para todos.

Os professores são, efetivamente, os agentes responsáveis por desenvolver processos de ensino e de aprendizagem que respondam às expectativas da sociedade. Eles precisam estar preparados para assumir práticas de ensino voltadas para a formação de competências e desenvolvimento de habilidades e de valores que vão além da tradicional prática de ensino baseada em disciplinas e conteúdos. Em MOURA (1993) destacamos: *“os estudantes jovens não deveriam ser estragados pela abstração prematura, mas deveriam ser familiarizados com situações vivas, concretas e experimentos, antes de trabalharem com elas usando métodos baseados em puro raciocínio.”* A metodologia de projetos permite ao professor orientar o aluno, criar condições para que ele construa seu conhecimento novo através de pesquisas, debates, relatórios, exercícios, confecção de seus materiais e até mesmo de produtos gerados a partir de sua aprendizagem. Assim o aluno deve percorrer nessa construção, um caminho pessoal que permite levá-lo à formação da consciência e à análise dos processos causais que sustentam a vida afetiva.

A valorização de trabalhos práticos, que possam ser realizados através de atividades de construção pelos próprios alunos, presente na metodologia de projetos, poderá significar um modo eficaz de se realizar o processo de ensino e aprendizagem em que estejam juntos aos elementos cognitivos e os elementos de afetividade e ludicidade desejado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1. Estudo bibliográfico: Metodologia de Projetos, Afetividade e Cognição.
2. Avaliação de uma proposta metodológica de trabalho com projetos, enfatizando sua contribuição para o desenvolvimento da afetividade e conseqüente melhoria dos processos educacionais e de ensino e aprendizagem na educação básica.
3. Pesquisa qualitativa, abordando estudo de caso em uma escola particular de Belo Horizonte, mediante:
 - Observação direta.
 - Grupo focal.
 - Entrevistas.
 - Questionários.

CRONOGRAMA:

Atividades	Período
Elaboração do Pré-Projeto de Pesquisa	Junho a Julho de 2004
Elaboração do Projeto de Pesquisa	Agosto a Novembro 2004
Realização de pesquisa bibliográfica sobre Metodologia de Projetos, Afetividade e Cognição e Aprendizagem pelo Lúdico.	Setembro a Dezembro de 2004
Entrega do Projeto de Pesquisa	Fevereiro de 2005
Aprovação do Projeto de Pesquisa	Maior de 2005
Coleta de dados	Julho a Outubro de 2005
Análise dos dados da pesquisa.	Setembro a Novembro de 2005
Redação da versão preliminar.	Setembro a Dezembro 2005
Redação final.	Janeiro a Abril de 2006
Entrega da dissertação ao colegiado	Abril de 2006
Apresentação da dissertação.	Maior de 2006
Reserva de Tempo	Junho a Agosto de 2006

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

ALVES, Ruben. **A escola com que sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas/SP. Papyrus, 2001.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação**. Publicado originalmente em OLIVEIRA, M. K ; TRENTO, D.; REGO, T. (org). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl e DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MATURANA, Humberto. **Da Biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MONTSERRAD, Moreno . **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

MOURA, Dácio Guimarães de. **A dimensão lúdica no ensino de ciências: atividades práticas como elemento de realização lúdica**. São Paulo: USP/ Faculdade de Educação, 1993. Tese de doutorado.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

Ministério Da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) Ensino Médio**. Brasília, 1999.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras Editora, 1989.

SNYDERS, Georges. **Alegria na sala de aula**. São Paulo: Manole Editora, 1988.

STAL, Isabelle e THOM, Françoise. **A escola de bárbaros**. São Paulo: Universidade de São Paulo editora, 1987.